

PAPO COM RITA FOELKER 03



Bom dia, companheiros e companheiras!

Bem, a Lu tocou em várias questões no seu texto:

"...vc acredita que , por exemplo, procurarmos trabalhar o conteúdo do LE talvez seja uma forma adequada para diferenciar os Ensinos: Religioso e Espírita, ou trabalhar através dele tornar-se-ia uma coisa mais "impositiva"?"

Gosto da metáfora utilizada por Herculano Pires, da "pedra de toque". Os

livros de Kardec são a pedra de toque, a orientação doutrinária para o trabalho, o ponto de partida de qualquer proposta de Educação que se diga espírita. Pessoalmente, sou contra padronizações. Acredito que os grupos encontram formas de utilizar estas obras de acordo com suas características particulares, com a personalidade dos educadores, suas habilidades e sua formação. Se alguém prefere e acha produtivo trabalhar os temas na seqüência de "O Livro dos Espíritos", está perfeito! Mas não precisamos adotar este modelo como regra para todos, porque existem equipes que conhecemos fazendo um excelente trabalho com outros tipos de programas.

"...como montar um programa anual nos baseando nessa diferenciação?

Poderíamos seguir o LE? "

Tomemos o item nº 1 de nossa orientação metodológica: Trabalho focado sempre no autoconhecimento e conhecimento de Deus (leis e atributos), qualquer que seja o assunto abordado.

Se este objetivo está claro para todos, inúmeras estratégias poderão ser empregadas para chegar até ele. Podemos montar qualquer plano, desde que nele encontremos maneiras eficientes de levar ao autoconhecimento e ao conhecimento de Deus, que são requisitos fundamentais de nossas mudanças de atitude.

O fato de sermos Espíritos imortais é básico para a compreensão de toda a visão espírita da realidade. Está dentro do tópico do autoconhecimento.

Agora: quais os desdobramentos deste assunto naquele grupo específico? Qual é a zona de maior interesse, dentro do tema "Espírito" e do tema

"imortalidade"? Até onde vamos aprofundar nossa abordagem? Isto vai depender de terem 4, 6, 8, 10, 12 ou 14 anos; de serem provenientes de famílias espíritas ou não; de terem acesso a leituras e a conversas da família... enfim, de uma série de fatores. Cada grupo de trabalho tem um processo e uma maturidade própria para lidar com estas questões. Tanto os

educandos, quanto os educadores. E isto sempre influenciará na prática pedagógica.

Já o tema da reencarnação pode surgir mais cedo ou mais tarde, dependendo do tipo de estimulação a que a criança está exposta. É claro que, se nunca tocarem neste assunto, vamos incluí-lo em alguma atividade a partir do 2º Ciclo (7 a 9 anos).

"Ou temas "soltos" seria melhor?"

Um bom planejamento é sempre necessário, e precisa ser seguido até o ponto em que não sufoque a prática, em que o educador não se sinta limitado, aprisionado por ele. Enquanto ele nos ajuda, é ótimo, e convém ter discernimento para observar quando começa a atrapalhar.

Se você chama de "temas soltos" a ausência de planejamento, isto não é o melhor, de maneira alguma. Agora, se os temas soltos surgem em determinados momentos para elucidar pontos que foram tratados ou para satisfazer interesses da turma, aí sim, serão importantes e estarão inseridos nos objetivos pedagógicos. E o planejamento carece de flexibilidade para incorporá-los.

Vc acharia que este trabalho de conscientização de que há essa diferença entre Ensino Religioso e Ensino Espírita, que ela deve ser trabalhada tb perante os demais departamentos da CE? E que este trabalho caberia ao pessoal da educação/evangelização Espírita executar?Como fazer isto?

Falando de maneira bastante genérica (por que há exceções incrivelmente boas!), a falta de entendimento da própria função do Espiritismo em nossas vidas, decorrente, em parte, da falta de aprofundamento em estudos de Doutrina, faz com que nos tornemos espíritas e continuemos agindo como profitentes do Catolicismo e do Protestantismo, como crentes sem reflexão. Porque inexistente mudança de mentalidade. Ir ao centro, receber o passe, fazer sopa para os pobres e ler obras de André Luiz não fazem de nós, espíritas.

O que diferencia o espírita é a mudança consciente de atitude, é a renovação interior, e se não nos renovamos e não nos sentimos renovados, é porque não assumimos as conseqüências da visão filosófica do Espiritismo em nosso dia-a-dia. É porque ainda pensamos como o "homem velho". Entendo que a formação desta consciência espírita é responsabilidade de todos que a compreendem e estão prontos para viver o tipo de vida a que ela nos convida. A maior divulgação do Espiritismo é a dos exemplos de vida, e isto

é o que nos cabe. Se vivermos aquilo que ensinamos, estaremos levando a pensar, estaremos favorecendo a conscientização de qualquer pessoa de nossas relações. E quem trabalha com a Educação Infanto-Juvenil descobre maneiras especiais de compartilhar com as crianças e os jovens.

Rita Foelker

www.edicoesgil.br/educador/boasvindas.html